

ARSÈNE  
LUPIN



MAURICE LEBLANC



OS  
BILHÕES DE  
ARSÈNE  
LUPIN

Tradução  
Andréia Manfrin Alves



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês  
*Les Milliardes de Arsène Lupin*

Produção editorial e projeto gráfico  
Ciranda Cultural

Texto  
Maurice Leblanc

Diagramação  
Fernando Laino | Linea Editora

Tradução  
Andréia Manfrin Alves

Imagens  
Agnieszka Karpinska/Shutterstock.com;  
VectorPot/Shutterstock.com;  
alex74/Shutterstock.com;  
YurkaImmortal/Shutterstock.com  
Magicleaf/Shutterstock.com

Revisão  
Fernanda R. Braga Simon

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445b	Leblanc, Maurice
	Os bilhões de Arsène Lupin / Maurice Leblanc ; traduzido por Andréia Manfrin Alves. - Jandira, SP : Principis, 2021. 160 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)
	Tradução de: Les Milliardes de Arsène Lupin ISBN: 978-65-5552-301-0
	1. Literatura francesa. 2. Romance. 3. Ficção. I. Alves, Andréia Manfrin. II. Título. III. Série.
2021-176	CDD 843 CDU 821.133.1-3

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa 843
2. Literatura francesa 821.133.1-3

1ª edição em 2021

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

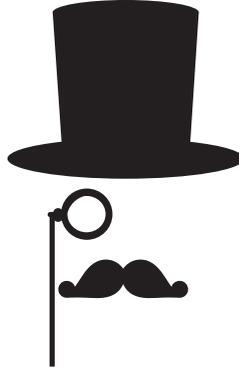
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

Paule Sinner.....	7
Onze homens reunidos.....	23
Horace Velmont, duque de Auteuil-Longchamp .....	46
A Máfia .....	58
O príncipe Rodolphe.....	78
A vingança de Maffiano.....	87
A Bela Adormecida .....	98
Um novo combatente.....	107
Os cofres .....	124
SOS .....	135
Casamento.....	150





## PAULE SINNER

James Mac Allermey, fundador e diretor do *Allo-Police*, o maior jornal de criminologia dos Estados Unidos, tinha acabado de entrar na redação no final da tarde. Cercado por alguns de seus colaboradores, ele lhes dizia sua opinião – ainda muito incerta, aliás – sobre o crime abominável cometido no dia anterior contra três crianças pequenas, e que a opinião pública, revoltada pelas circunstâncias particulares, tinha imediatamente batizado de “O massacre dos trigêmeos”.

Depois de alguns minutos de considerações sobre a criminalidade direcionada contra a infância, de modo geral, e sobre o crime hediondo do dia anterior, em particular, James Mac Allermey se voltou para sua secretária, Patricia Johnston, que, no meio dos editores, o ouvia:

– Patricia, está na hora do correio. Todas as cartas estão prontas para serem assinadas? Vamos até meu escritório?

– Está tudo pronto, senhor, mas...

Patricia se calou. Ela ouviu um barulho insólito e completou:

– Tem alguém no seu escritório, senhor Mac Allermey!

O diretor encolheu os ombros.

– Alguém no meu escritório? Impossível! A porta da sala de espera está fechada à chave.

– Mas e sua entrada privativa, senhor?

Allermy sorriu enquanto tirava uma chave do bolso.

– A chave fica sempre comigo. Aqui está ela. A senhorita está delirando, Patricia... Vejamos, vamos trabalhar... Com licença, Fildes, vou pedir para que aguarde um instante!

Ele colocou familiarmente a mão no ombro de um de seus assistentes – não um de seus redatores, mas um de seus amigos pessoais –, Fildes, que vinha quase todos os dias visitá-lo no jornal.

– Não se apresse, James Allermy – disse Frédéric Fildes, um representante da lei e procurador. – Não estou com pressa e sei como é o horário do correio.

– Vamos – disse Mac Allermy. – Tchau, senhores, até amanhã. Procurem descobrir mais sobre o crime.

Com um aceno de cabeça, ele deixou seus colaboradores e, seguido por sua secretária e por Frédéric Fildes, saiu da sala da redação, atravessou um corredor e abriu a porta da sala da direção.

A ampla sala, elegantemente mobiliada, estava vazia.

– Vê, Patricia. Não há ninguém aqui.

– Sim – respondeu a secretária –, mas repare, senhor, que a porta, que estava fechada, agora está aberta.

Ela se referia a uma porta do escritório que dava acesso a uma sala menor onde ficava o cofre.

– Patricia, deste cofre até a saída secreta que se abre para a rua, e através da qual às vezes eu passo, há duzentos metros de corredores e escadas, entrecortados por treze portas e cinco portões de ferro, todos muito bem trancados com cadeados. Ninguém pode usar essa saída.

Patricia refletia, com as sobrancelhas finas ligeiramente franzidas. Ela era uma jovem alta e esbelta, de aparência harmoniosa e ágil, o que indica a prática de esportes. Seu rosto, um pouco irregular, um pouco curto talvez, não tinha uma beleza clássica, mas, com uma pele sem maquiagem,

naturalmente opaca e como se transparente, a boca grande e bem desenhada, os lábios naturalmente vermelhos, entreabertos sobre dentes brilhantes, a testa larga e de aparência inteligente sob as ondas dos cabelos, onde o ouro e o bronze se misturavam, sobretudo com os olhos, grandes e de um cinza esverdeado, entre cílios espessos e escuros, emanava um charme incomparável, um charme profundo e quase misterioso quando Patricia ficava séria, mas que se tornava leve e de alguma forma infantil quando ela se deixava levar por um acesso de alegria genuína. Tudo nela transparecia saúde, equilíbrio físico e moral, energia e gosto pela vida. Era uma dessas mulheres que não mentem e não decepcionam, que inspiram simpatia e confiança, que despertam amizade e amor.

Por um hábito que ela tinha aos poucos adquirido de Mac Allermey, e que havia se tornado um reflexo, ela passou os olhos por toda a sala para se certificar de que nada estivesse diferente desde que ela tinha colocado tudo em ordem.

Um detalhe chamou sua atenção.

Em um bloco de notas que estava sobre a mesa, e que era visto por ela de ponta-cabeça, havia duas palavras escritas a lápis. Uma era um nome, “Paule”, a outra, que ela decifrou com menos facilidade, um sobrenome, “Sinner”. Paule Sinner. Então era uma mulher.

Nem por um momento Patricia, que conhecia a severa moral de Mac Allermey, admitiu que uma mulher pudesse ter entrado com o consentimento dele, muito menos que ele tivesse escrito aquele nome de forma tão exposta em sua sala de diretor.

Mas então, o que significava Paule Sinner?

Mac Allermey, que a observava, sorriu:

– No momento certo, Patricia! Nada lhe escapa. Mas a explicação é simples: é o título de um romance francês que um tradutor me trouxe hoje e estou gostando muito. Paule Sinner é o nome da heroína. Em francês o título é ainda mais chocante: *Paule, a Pecadora*.

Patricia sentiu que Mac Allermey não estava dando uma explicação muito precisa. Mas ela poderia pedir outra?

Nesse momento, interrompendo suas reflexões, houve uma pane elétrica que os deixou na escuridão.

– Não se preocupe, senhor, foi um fusível que queimou. Eu conheço o assunto. Vou resolver – disse Patricia.

Tateando, ela chegou à sala de espera que precedia o escritório de Mac Allermey e que dava em um patamar no terceiro andar da escada particular da direção. Algumas lâmpadas que permaneceram acesas no térreo produziam uma iluminação difusa no meio da escuridão. Em um reduto estreito usado como almoxarifado, a jovem pegou uma pequena escada dupla com seis degraus, desdobrou-a e a colocou perto da parede. Ela subiu e acreditou ouvir, vindo de algum lugar das sombras, um pequeno barulho, e de repente uma angústia cerrou seu coração...

“Ele” estava lá, ela não tinha dúvida, ele estava lá, escondido na semiescuridão, pronto para atacar, como uma fera espreitando sua presa...

Era um ser misterioso, ameaçador. Ela nunca o viu, mas sabia de sua existência; sabia que era secretário particular de Mac Allermey, um secretário que não se mostrava, que também era um guarda-costas, um espião, um factótum, um faz-tudo de atribuições secretas e diversas, um homem enigmático, dissimulado, perigoso, tenebroso, cuja presença e cobiça Patricia percebia constantemente a sua volta, o que a preocupava e, às vezes, apesar de sua coragem, a aterrorizava.

Sobre a escada, com o coração acelerado, ela ouvia. Não, nada! Ela certamente estava equivocada. Então, dominou sua emoção, tentou sorrir e continuou sua tarefa.

Ela removeu o fusível, substituiu o fio partido, ajustou outro e reparou o interruptor. A luz se acendeu, meio velada pelo vidro fosco da lâmpada.

Então aconteceu o ataque. O ser, da sombra onde estava escondido, apareceu logo abaixo de Patricia. Duas mãos agarraram os joelhos da jovem. Patricia cambaleou sobre a escada e, quase inconsciente, sem conseguir lançar sequer um grito, escorregou e caiu nos braços abertos que a seguraram e impediram sua queda brusca ao chão, onde ela se viu deitada, sem voz e sem movimento.

Patricia percebeu que o assaltante era muito grande e tinha uma força irresistível. Numa reação quase imediata, ela tentou lutar, mas em vão. Os braços a imobilizaram como uma presa precipitadamente vencida.

E, ainda a segurando, o homem sussurrou em seu ouvido:

– Não resista, Patricia, de que adianta? Não grite!... O velho Mac Allermey poderia ouvi-la, e o que ele pensaria de você ao vê-la em meus braços? Ele acreditaria no nosso acordo. E teria razão. Você e eu fomos feitos para ficar juntos. Ambos queremos satisfazer nossas ambições, ganhar dinheiro, ganhar poder, e o mais depressa possível. Mas você está perdendo tempo, Patricia. Só porque é amante do filho Allermey, não quer dizer que vai conseguir alguma coisa. Allermey Junior é apenas um idiota, um incapaz. Quanto ao velho, ele se encaixa mais ou menos na mesma categoria. Além disso, ele está tramando, com seu amigo Fildes, que se assemelha a ele, um enorme negócio... sim... mas ele vai quebrar a cara. Patricia, se soubermos como manobrar, você e eu, dentro de seis meses o jornal *Allo-Police* estará em nossas mãos e ambos saberemos como ganhar dólares e mais dólares, centenas de milhares de dólares! Assinaturas, anúncios, escândalos, chantagens, um pouco de tudo. Só precisamos saber como usufruir. E eu saberei! Mas eu a amo, Patricia. É ao mesmo tempo uma força e uma fraqueza. Ajude-me a me tornar o mestre, o mestre capaz de tudo, de todos os crimes e de todos os triunfos que você vai compartilhar comigo! Nós dois, juntos, dominaremos o mundo. Você compreende isso, não é? Você aceita?

Ela balbuciou, desnorteadada:

– Solte-me! Solte-me agora. Falaremos disso mais tarde, em um outro momento. Quando não pudermos ser ouvidos ou surpreendidos...

– Então preciso de uma prova do nosso acordo... de sua boa vontade... Um beijo e eu a deixo ir.

Patricia estava em pânico. O homem cheirava a álcool; ela podia entrever seu rosto se contorcendo em caretas. Lábios febris pousavam em seu pescoço ou em suas bochechas, procurando os lábios que ela desviava... e ouvindo sempre essa voz em seu ouvido:

– Eu a amo, Patricia. Você compreende o que é esse amor que duplicaria uma associação como a que poderíamos formar, você e eu? Os dois Allermy são incapazes, são fantoches... Quanto a mim, eu adivinho todas as suas ambições, eu as conheço, tanto as realizadas quanto as ultrapassadas. Ame-me, Patricia. Não há no mundo outro homem da minha qualidade, do meu poder cerebral, que tem minha vontade, minha energia. Ah! Você está cedendo, Patricia, você me ouve, está perturbada...

Ele falava a verdade. Apesar de sua revolta e desgosto, ela sentia uma perturbação, uma vertigem estranha que a conduzia na direção do mais terrível desfecho.

O homem zombou silenciosamente.

– Vamos, ceda, Patricia... Você não consegue mais resistir. Está no limite. Pobre menina, não é por ser mulher, não acredite nisso! Todos que ficam diante de mim se sentem perturbados, angustiados. Meu desejo domina, derruba o obstáculo, quebra-o... E se sentem quase felizes, não é, por colocar seu destino de volta em minhas mãos. Admita... E não tenha medo. Não sou mau, embora meus camaradas e inimigos – não tenho amigos – me chamem de “The rough”<sup>1</sup>... O Selvagem, o Implacável, o Impiedoso...

Patricia estava perdida. Quem poderia salvá-la?

De repente, as mãos impiedosas se desprenderam. O “Selvagem” abafou um lamento, um lamento assustadoramente doloroso.

– O que é? Quem é o senhor? – ele gemeu, torturado.

Uma voz baixa e zombeteira respondeu:

– Um cavalheiro, motorista e amigo do senhor Fildes. Ele está à minha espera para levá-lo a Long Island, à casa dos pais dele, onde ela irá jantar... e talvez dormir. Então, você entendeu? Estava de passagem quando ouvi seu discurso. Você fala bem, Selvagem. Mas está enganado ao afirmar que está acima de todos.

– Não estou enganado – repreendeu o outro em voz baixa.

---

<sup>1</sup> Em português, “O bruto”. (N.T.)

## OS BILHÕES DE ARSÈNE LUPIN

– Está, sim. Você tem um mestre.

– Um mestre, eu?... Diga o nome dele... Um mestre, eu?... Só pode ser Arsène Lupin. Por acaso você é Arsène Lupin?

– Eu sou aquele que interroga, mas que não é interrogado.

O outro ficou pensativo. Sussurrou com uma voz alterada:

– Ora, por que não? Eu sei que ele está em Nova Iorque tramando alguma coisa com Allermey, Fildes e companhia. Além disso, é bem do feitio dele essa torção dos braços. Uma artimanha que derrota até os mais fortes... Então, é você, Lupin?

– Não se preocupe com isso. Lupin ou não, sou seu mestre, obedeça.

– Eu, obedecer? Você está louco. Lupin ou não, minhas ações não são da sua conta! Fildes está no escritório de Allermey. Vá atrás dele! Deixe-me em paz.

– Primeiro, deixe essa mulher em paz! Vá embora!

– Não!

E a mão pesada caiu sobre Patricia novamente.

– Não?! Então, azar o seu. Vou recomeçar.

O “Selvagem” soltou um profundo gemido de angústia e dor. Parecia que lhe tiravam a vida. Seus braços relaxaram. Ele se desequilibrou como uma marionete desarticulada.

O misterioso salvador de Patricia ajudou-a a se levantar. Em pé, de frente para ele, ainda ofegante e tremendo, ela sussurrou:

– Cuidado! Esse homem é muito perigoso.

– A senhorita o conhece?

– Não sei o nome dele. Nunca o tinha visto antes. Mas ele está me perseguindo, estou com medo!

– Quando estiver em perigo, me chame. Se eu estiver livre, virei defendê-la. Permita que lhe ofereça este apito prateado, é um apito encantado. É possível ouvi-lo através do espaço... Em caso de perigo, apite sem parar. Eu virei... E nunca deixe de desconfiar do Selvagem. Ele é o pior dos bandidos. Meu dever seria levá-lo à justiça imediatamente, mas esse tipo de dever é sempre negligenciado... e injustamente!

Ele inclinou seu corpo alto e flexível e, com um sorriso mundano em seu rosto magro, beijou a mão de Patricia com um galanteio bastante cortês.

– O senhor é mesmo Arsène Lupin? – ela sussurrou, tentando ver bem seus traços.

– O que isso interessa? Não aceitaria a proteção dele?

– Claro que sim! Mas eu gostaria de saber...

– Curiosidade inútil.

Sem insistir, ela retornou ao escritório do diretor do *Allo-Police* e pediu desculpas por sua longa ausência. Tinha tido um mal-estar.

– Já está melhor, não é mesmo? – perguntou Mac Allermey, solícito.

– Sim, vejo que está recuperando sua cor.

E acrescentou em outro tom:

– Poderemos conversar um pouco? Tenho coisas muito sérias a lhe dizer!

Diante desse amigável apelo à ordem, Patricia, deixando sua inquietação de lado, voltou a ficar lúcida e calma. Ela se sentou na poltrona que Mac Allermey lhe ofereceu e olhou para ele, aguardando a continuação. Ele retomou depois de certo silêncio:

– Patricia, desde que entrou nesta empresa, há cerca de dez anos, já passou por todos os serviços subordinados. Sabe por que a escolhi, há cinco anos, como secretária executiva?

– Provavelmente porque me achou digna, senhor.

– Claro, mas a senhorita não era a única. Há outras razões.

– Posso perguntar quais?

– Primeiro, é uma mulher bela. E eu gosto da beleza. Não se ofenda por eu falar assim na frente do meu amigo Fildes. Não tenho segredo para ele. Além disso, houve um drama em sua vida, um drama que acompanhei de perto. Meu filho, Henry, aproveitou-se da sua situação e se insinuou para a senhorita. Mas você era muito jovem, sozinha na vida. Ele lhe prometeu casamento e a senhorita não soube resistir, ele a seduziu. Depois disso ele a abandonou, acreditando que ficaria quite lhe oferecendo uma quantia

em dinheiro, que, a propósito, a senhorita recusou. E ele se casou com uma moça rica, de poderosas relações.

Patricia, bastante enrubescida, escondeu o rosto entre as mãos e balbuciou:

– Não continue, senhor Allermey. Tenho tanta vergonha do meu erro! Eu devia ter me matado...

– Se matar porque um jovem miserável a enganou!

– Não fale assim do seu filho, por favor...

– Ainda o ama?

– Não. Mas eu o perdoei.

Allermey fez um gesto violento.

– Eu não perdoei. A culpa é do meu filho! Foi por isso que a convidei para ser uma de minhas colaboradoras.

– Aos seus olhos, isso foi uma reparação?

– Sim.

Patricia levantou o rosto e o encarou.

– Se eu soubesse, teria recusado, como recusei o dinheiro que seu filho me ofereceu – disse ela amargamente.

– Como teria vivido?

– Como eu já fazia antes, senhor, trabalhando... Trabalhando depois de sair daqui, à noite, em outro lugar, e de manhã, antes de chegar, fazendo cópias para outra empresa. Não há pessoa boa e corajosa no mundo que não possa viver, graças a Deus, de seu trabalho!

Allermey franziu a sobrancelha.

– A senhorita é muito orgulhosa.

– Muito orgulhosa mesmo, é verdade.

– E ambiciosa também.

– Também – disse ela calmamente.

Mais um breve silêncio e o diretor do *Allo-Police* então retomou:

– Há pouco encontrei sobre esta mesa um artigo seu a respeito do terrível crime de ontem, de que estávamos falando na redação, o massacre dos trigêmeos.